

# A descoberta a partir da “Nova Gazeta da Terra do Brasil”

KLAUS HILBERT\*

---

**Resumo:** Em estudo etno-histórico interpreta-se o panfleto “Nova Gazeta da Terra do Brasil”, editado em forma de carta, dirigida a um comerciante na Antuérpia e redigido em alemão por seu feitor na ilha da Madeira. Este documento revela os resultados de uma expedição comercial portuguesa ao Brasil em 1514, que chegou até a região do rio da Prata. Relatam-se as características da terra, os costumes da população nativa, as mercadorias negociadas, como pau-brasil, peles de animais, especiarias e escravos indígenas.

**Abstract:** This ethnohistorical approach studies the pamphlet called “Newen Zeytung auss Presillg Landt”, edited in form of a letter, addressed to a merchant in Antwerp and written in German language by his administrator on the Madeira island. This document reveals the result of a Portuguese commercial expedition to Brazil which reached the river Plate region in 1514. The captain of this campaign gives an account to this administrator, characterizing the land, describing the habits of the native people and the products traded, like brazilwood, fur, spices and Indian slaves.

**Palavras-chave:** Etno-história. Contato interétnico. Povoamento do rio da Prata.

**Key words:** Ethnohistory. Interethnic contact. Peopling of the river Plate.

---

## Introdução

Esta avaliação da “Nova Gazeta da Terra do Brasil” faz parte de uma pesquisa mais ampla que pretende analisar as mudanças culturais das populações indígenas da região do rio da Prata ocorridas a partir dos primeiros contatos com europeus no início do século XVI. A pesquisa se baseia tanto em fontes documentais

---

\* Professor do Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

históricas, como relatórios, ofícios, cartas e descrições de viajantes, quanto em dados e resultados de investigações arqueológicas. Neste estudo etno-histórico, cada documento, material, escrito ou iconográfico, é submetido a uma avaliação minuciosa, considerando, em cada fonte, os processos de sua formação e de seus próprios contextos, sejam eles cultural, econômico ou ambiental. No caso deste documento, faz parte desta avaliação a observação da origem e direção do fluxo das informações, quer dizer: quem recebe, de qual autor certas informações, como essas são tratadas e novamente repassadas para outros, para gerar um novo documento. As fontes escritas, iconográficas ou os restos materiais do comportamento humano do passado não são estáticos, mas passam por um processo constante de transformação, natural ou cultural. Os dados obtidos do estudo dos diferentes documentos devem ser comparados, avaliados e não, simplesmente, somados, pois cada documento tem suas características epistemológicas próprias.

As notícias do descobrimento da ilha de Vera Cruz e os relatos sobre seus habitantes motivaram o rei de Portugal, junto com alguns comerciantes, a prosseguir com os reconhecimentos e explorações da nova terra (Pereira, 1923, p. 351).<sup>1</sup> Infelizmente, são poucos os documentos contemporâneos preservados dessa primeira fase do contato que revelam em detalhes nomes de embarcações, comandantes, pilotos, período das viagens e as regiões exploradas (Varnhagen, 1956, p. 82). Em sua maioria, trata-se de documentos posteriormente elaborados, como as cartas de Américo Vespúcio, conhecidas como *Mundus Novus* e *Lettera*, ou através de fontes secundárias e compilações destas mesmas cartas. Por essa razão, torna-se difícil estabelecer uma seqüência cronológica das diferentes expedições organizadas, e determinar, com rigor, as etapas do reconhecimento da Costa Oriental do Continente Sul-Americano. A falta de documentação provoca discussões e deixa margem a dúvidas quanto ao processo do povoamento.

A “Nova Gazeta da Terra do Brasil” é um desses documentos controversos. Vários estudiosos, como Humboldt (1836), Wieser (1881), Haebler (1895), Schüller (1911), Brandenburger (1922), Pereira (1923), Varnhagen, (1873; 1956) e outros, trocaram idéias a

<sup>1</sup> O historiador João de Barros afirma essa pretensão de D. Manuel, relatando no seu livro da primeira “Década” das conquistas portuguesas de 1552 que “Pedro Álvares, vendo que, por razão de sua viagem, outra cousa não podia fazer, dali espediu, em navio, capitão Gaspar de Lemos, com nova para el-rei dom Manuel o que tinha descoberto, o qual navio, com sua chegada, deu muito prazer a el-rei e a todo o reino, assim por saber da boa viagem que a frota levava, como pela terra que descobrira” (Barros, 1945, v. 1, p. 109).

respeito da data da viagem narrada na “Nova Gazeta”, opinaram sobre a língua original da carta e comentaram a autenticidade das novidades trazidas da “Terra do Brasil”. As opiniões referentes ao valor histórico do panfleto variam entre rejeição, por parte de alguns autores, classificando o documento como apócrifo, e aceitação completa da fonte, por parte de outros.

## Copia der Newen Zeytung auff Brasillg Landt.



Xilogravura do frontispício da “Copia der Newen Zeytung auss Pressillg Landt”, impressa no primeiro quartel do século XVI (Pereira, 1923, p. 365).

## A “Nova Gazeta da Terra do Brasil”

Existem três edições impressas e uma cópia manuscrita do panfleto chamado de “Nova Gazeta da Terra do Brasil” (Schüller, 1911, p. 128; Pereira, 1923, p. 365). As edições impressas revelam entre si ligeiras diferenças no tipo de letra e pequenas variações no título e corpo do texto. A primeira edição impressa apresenta, embaixo do título de “COPIA DER NEWEN ZEYTUNG / AUSS PRESILLG LANDT //” uma xilografia com navios, ilhas, rochedos e cidades portuárias fortificadas. As duas outras versões, também anônimas e sem indicação de data, foram editadas por Erhart Oglin (Öglin) em Augsburg. Consta embaixo do mesmo título da primeira edição, no lugar da paisagem, uma grande gravura em madeira com representações das armas reais de Portugal. A cópia manuscrita foi encontrada por Haebler (1895) no arquivo dos Príncipes e Condes Fugger, em Augsburg. Este documento anônimo, composto por quatro folhetos, mostra na primeira página o título “-1515-New zeytung auss presillandt”, e um sumário: “Notícias trazidas por um navio que saiu de Portugal para descobrir a terra do Brasil mais longe do que antes se sabia e na volta chegou à ilha da Madeira; escritas da Madeira para Antuérpia por um bom amigo”.<sup>2</sup> O texto manuscrito, que ocupa as duas folhas internas, é precedido pela página do título e do sumário. A última página permaneceu em branco. O resumo, ausente nas versões impressas, indica que o texto original foi escrito na ilha da Madeira no ano de 1515. A carta manuscrita foi redigida em alemão e dirigida, provavelmente, ao chefe da casa comercial na Antuérpia. As novidades da “Terra do Brasil” foram contadas a este feitor alemão pelo piloto daquele navio que saiu de Portugal para descobrir novas terras e que, na volta, parou na ilha da Madeira, por escassez de mantimentos.

### A discussão

O debate acadêmico que se desenvolveu durante várias décadas em torno da “Nova Gazeta” focalizou os pontos duvidosos, como a provável data da viagem, as regiões descobertas e a identificação do comandante dos dois navios que participaram da expe-

<sup>2</sup> “Zeitung so ein schiff pracht hat, So von portugall aussgefarn ist, das presill landt ferrer dann man vor sein wissen hat zn diskopriren vnd Am widerkerren Inn yla de madera zukommen ist von Ainem guten freundt aus madera gen Anntorf geschryben worden” (Schüller, 1911, p. 128).

dição. Os argumentos e opiniões levantadas nessa discussão refletem a profunda preocupação dos historiadores daquela época em contextualizar este documento no tempo e extrair a maior quantidade possível de informações autênticas, já que os relatos sobre expedições portuguesas que se referem às primeiras décadas após o descobrimento do Brasil são escassos. A “Nova Gazeta” parece ter conservado, numa forma indireta e bastante camuflada, alguma notícia a respeito de uma campanha portuguesa que possivelmente chegou até a região do rio da Prata.

Um dos principais problemas da “Nova Gazeta” está na falta de nomes de pessoas, embarcações, datas e referências geográficas exatas. Os únicos nomes mencionados são os de D. Nuno Manuel<sup>3</sup> e Cristóbal de Haro<sup>4</sup>, indicados como armadores da expedição. As designações locais também são vagas e limitam-se a expressões genéricas como:

“E quando chegam à altura do Cabo da Boa-Esperança e ainda um(s) grau(s) mais longe e mais acima (*para o sul*), e quando chegaram àquela longitude, isto é, aos 40 graus de altura (*latitude*), encontraram a Terra do Brasil com um cabo; e navegaram à volta do mesmo cabo, e acharam que aquele golfo corre igual à Europa, em direção Oeste para Este. Pois avistaram terra também do outro lado, quando tinham navegado perto de 60 milhas à volta do cabo, do mesmo modo que quem navega para Levante, e para o Estreito de Gibraltar, e divisa a Terra de Barbaria” (“Nova Gazeta da Terra do Brasil”, tradução de Brandenburger, 1922, p. 36).

Igualmente chama atenção a quantidade de palavras (cerca de quarenta) de origem portuguesa, espanhola ou italiana no texto alemão, fato que levantou dúvidas entre os estudiosos a respeito da língua original do documento (Varnhagen, 1870, p. 10; Wieser, 1881, p. 94; Schüller, 1911, p. 130). Mas, de acordo com Haebler (1895), Brandenburger (1922) e Pereira (1923, p. 365) o autor da

<sup>3</sup> D. Nuno Manuel, filho de D. João, bispo da Guarda e Justa Rodrigues, nasceu provavelmente em 1469. Era irmão de criação de D. Manuel, filho do Infante D. Fernando, depois Duque de Beja e rei. Sucedendo a D. João II, D. Nuno Manuel gozava a confiança do monarca e tinha grande autoridade na corte. Ocupou a partir de 1495 o cargo de almotacé-mór e depois também o de alcaide-mór da Guarda-mór, até sua morte, provavelmente em 1525.

<sup>4</sup> Cristóvam de Haro nasceu na Antuérpia e armava, com licença do Rei D. Manuel, e junto com outros comerciantes holandeses, navios para negociar na costa da Guiné e América. Após um desentendimento com o soberano de Portugal, por causa de um pedido de indenização de 16 mil ducados por sete navios roubados, Cristóvam de Haro entrou nos serviços do rei de Castela em 1517, que financiou parte da expedição de Fernão de Magalhães.

carta era alemão e administrava na ilha uma empresa comercial, provavelmente dos Fugger.

Por outro lado, a “Nova Gazeta” não é uma carta de caráter oficial, nem um relatório ou um diário de bordo de um piloto ou comandante. Evidentemente, o autor da carta que deu origem à “Nova Gazeta” preocupou-se sobretudo em relatar aos seus superiores e amigos no continente as novidades da “Terra do Brasil”, expondo as possibilidades que a descoberta da nova terra oferecia para o comércio. A carta inclui um relato sobre as características da terra, os costumes da população nativa, e indica os produtos e matérias-primas economicamente interessantes, criando assim, entre os leitores da gazeta, uma expectativa de um comércio lucrativo, inclusive com o tráfico fácil de escravos indígenas. Trata-se então de um folheto informativo, incentivando os comerciantes de língua alemã a investir em negócios no Brasil.

A discussão em torno da data da expedição portuguesa, e do nome do piloto responsável, levantou também dúvidas sobre quem realmente era o descobridor do rio da Prata. Dependendo da opinião, e até da posição política de cada pesquisador, as datas e os nomes propostos favoreciam o Piloto Maior da coroa espanhola João Dias de Solís, considerado o descobridor oficial do rio da Prata, ou aquele piloto português anônimo da viagem registrada na “Nova Gazeta”.

Schüller (1911), Brandenburger (1922) e Pereira (1923) resumiram os principais argumentos da discussão que envolveu a “Nova Gazeta”. Humboldt (1836), um dos primeiros a mencionar o documento, sugeriu, no seu estudo crítico sobre a história do desenvolvimento do conhecimento geográfico no “Novo Mundo”, que o panfleto contava a história de uma expedição ao Estreito de Magalhães, mas depois de sua descoberta. Segundo o naturalista alemão, a carta deveria ter sido publicada entre os anos de 1525 e 1540, fortalecendo, com sua avaliação, a fama e os direitos do Piloto Maior João Dias de Solís como descobridor do rio da Prata. Posteriormente, o próprio Humboldt desfez sua afirmação inicial, admitindo que Cristóbal de Haro, de acordo com a carta, era um dos armadores da frota da “Nova Gazeta”, e teria saído dos serviços do rei de Portugal ainda em 1517, e portanto não poderia ter equipado os navios após essa data, muito menos com a permissão do rei de Portugal.

Quem primeiro emitiu a opinião de que a “Nova Gazeta” relatava a campanha secreta de Solís e de Vicente Pinzón no ano de 1508 foi Varnhagen (1956), sem levar em consideração, entretanto, que estes pilotos estavam contratados pelo rei de Castela e que a

carta se referia claramente a uma expedição portuguesa. D’Avezac-Macaya (1857) chamou a atenção para esse fato e defendeu, em contrapartida, o argumento de que o folheto era uma narrativa dos eventos da quarta viagem de Américo Vespúcio em 1503. Essa expedição partiu de Lisboa com destino a “Malaca”, aliás, uma das poucas referências geográficas mencionadas na “Nova Gazeta”. A respeito da expedição secreta de Solís e Pinzón em 1508, Schüller (1911, p. 17) lembra que depois de passar por “aquela linha” (a demarcação entre os domínios ultramarinos de Portugal e Espanha), o destino principal dessa campanha era “a busca do canal ao mar aberto, para ir às ilhas de especiarias na parte norte do ocidente”. Como previsto no contrato feito entre os pilotos e o rei da Espanha, datado em 23 de março de 1508, essas instruções mostraram claramente que o curso da viagem apontava para o Oeste, não para o Sul, em direção ao rio da Prata.<sup>5</sup> Portanto, a viagem contada na “Nova Gazeta” não poderia ser a de Solís.

Em resposta a D’Avezac-Macaya, Varnhagen (1858, p. 233) introduziu um novo argumento importante que ajudou a delimitar a data do documento.<sup>6</sup> Ele chamou atenção para o fato de que informações extraídas da “Nova Gazeta” foram utilizadas pelo matemático Johann Schöner de Nürenberg na elaboração do seu famoso globo terrestre. Esse globo mostra, no lado ocidental, a Índia e o continente americano, com a costa oriental da América do Sul no meio, e um estreito que separa a América de uma ilha, localizada no extremo sul do globo, identificada como “Brasilie Regio”. No texto que acompanha o globo terrestre e que comenta

<sup>5</sup> “No habeis de tocar en ninguna tierra firme ni islas de las que pertenesçen al Sereníssimo Rey de Portugal por la línea del rrepartimiento questá señalada entre Nos y el dicho Rey, que es una línea que dize se parte en esta manera: que partiendo de la postrera isla de Cabo Berde hazta el Oçidente e andando por la dicha línea del Oçidente CCCXX leguas, las quales handadas, se á de entender otra línea que atraviesa la dicha línea corriendo norte et sur; así que toda nuestra tierra firme e islas que serán a la parte del Oçidente de la dicha línea del norte sur adelante corriendo hazia el poniente son pertenesçientes a Nos, e la otra mar e tierra firme e islas que serán hazia cá a la parte del oriente de la dicha línea de norte et sur, se entiendo ser del dicho Sereníssimo Rey de Portugal. Esta línea se entiendo en cuerpo esperito, en lo qual, como dicho es, no tocaredis, [...]. No vos abeis de detener en los puertos de la tierra que así hallardes más tiempo de los días que a vos bastaren para tomarlo e ovierdes menester, sino que brevemente vos despacheys y sigais la nabegaçión para descubrir aquel canal o mar abierto que principalmente abeis de descubrir e que Yo quiero que se busque; e haziendo lo contrario seré muy desserbido e lo mandaré castigar e proveher como a nuestro serviço cunpla” (Mingo, 1986, p. 153).

<sup>6</sup> “nous en avons une nouvelle preuve dans la description de la terre de Schoner, publiée en 1515, qui donne déjà en latin des indications évidemment extraites de cette brochure” (Varnhagen, 1858, p. 233, nota 2).

as características de cada localidade, Schöner (1515) descreveu a “*Brasilie Regio*” aproveitando algumas passagens da “*Nova Gazeta*”. Esse argumento serviu para estabelecer uma data máxima de 1515 como limite para a elaboração da “*Nova Gazeta*”. Em seguida, Varnhagen (1956, p. 86) discutiu duas outras propostas, sugerindo que a expedição da “*Gazeta*” relatou uma campanha dirigida pelos pilotos Vasco Gallego e João de Lisboa em 1506. Como segunda opção, Varnhagen referiu-se à frota comandada por Gonzalo Coelho, que em 1503 explorou com seis navios o litoral do Brasil. Dessa mesma expedição participaram, de acordo com Varnhagen (1873, p. 59), Américo Vespúcio, comandante de uma das embarcações, João Dias de Solís e, provavelmente, também João Lopes Carvalho e João de Lisboa. Dos seis navios da armada que partiram, apenas dois voltaram para Lisboa em 1504.

Capistrano de Abreu (1880) relacionou pela primeira vez o armador da frota chamado na “*Gazeta*” de “*Nono*” com D. Nuno Manoel, almotacé-mor e guarda-mor do rei D. Manuel.

“Sabei que aos 12 de outubro de 1514 chegou da terra do Brasil um navio, por falta de vitualhas, o qual D. Nuno, Cristóvam de Haro e outros armaram. Os navios foram com licença do rei de Portugal para descobrir a terra do Brasil, tendo descoberto a terra cerca de 700 milhas mais além do que antes se conhecia” (“*Nova Gazeta da Terra do Brasil*”, tradução de Brandenburger, 1922, p. 36).

Abreu citou, como prova de sua argumentação, a carta do embaixador de Portugal em Castela, Álvaro Mendes de Vasconcelos, datada de Medina del Campo, a 14 de dezembro de 1531, e dirigida a D. João III, publicada por Varnhagen (1870, p. 9-10). A carta refere-se a “*huma armada de dom nuno manonel que por mandado del Rey voso paj (D. Manoel) que estaa em gloria foy descubrir ao dito Rio*” (da Prata), e que D. Nuno visitou essas paragens entre 1505 e 1508 (Schüller, 1911, p. 129). Almeida (1877, p. 201) questionou essa conclusão, alertando que o fato de uma frota de D. Nuno Manoel ter navegado ao Brasil não significava que D. Nuno estivesse pessoalmente presente a bordo das embarcações. Os cargos de confiança que ele exercia na corte, certamente, não deixariam muito tempo para ele participar de expedições demoradas e perigosas.

Para Schüller (1911, p. 130), a “*Gazeta*” era um documento suspeito por várias razões. Apesar de que, para ele, não existiam dúvidas referentes à origem alemã do autor da carta, julgava extremamente ambíguo a utilização de tantas palavras ou expressões neolatinas no texto “que se diz original”. Principalmente as “pala-



vas tão genuinamente italianas que nenhum estrangeiro as podia ter aprendido [...], por maior número de anos que entre eles houvesse estado". Lembrou que várias informações sobre as populações indígenas do Brasil encontraram-se também nas cartas de Américo Vespúcio, inclusive com o emprego das mesmas palavras. O pesquisador concluiu que não se poderia pensar em outra base literária sobre a América do Sul e uma inspiração direta para a "Nova Gazeta", senão as cartas do próprio Américo Vespúcio, copiadas e traduzidas em vários idiomas, e divulgadas em toda Europa. Schüller (1911, p. 130) inclusive elabora uma lista de expressões e verbetes semelhantes entre a "Gazeta" e as cartas de Vespúcio, para comprovar que o autor alemão conhecia as cartas do florentino. Mas Brandenburger (1922) argumentou que as palavras comuns entre as cartas de Vespúcio e aquelas empregadas pelo autor da "Nova Gazeta" para relatar os costumes dos índios davam apenas uma noção geral e eram tão usuais que poderiam ter sido empregadas por qualquer escritor, independente de sua origem e que nas traduções de um idioma para outro se perdia a autenticidade do texto e o estilo do autor.

Ruge (1881) descartou radicalmente o valor histórico do documento e classificou a "Nova Gazeta" como um panfleto apócrifo, baseado apenas em noções vagas e correntes da época, sem relação com fatos concretos ou determinadas expedições realmente ocorridas. Ele fixava a data da impressão da carta entre os anos de 1511, ano do suposto surgimento do nome de "Brasil" na cartografia, substituindo a "Terra de Vera Cruz", e o ano de 1515, ano da publicação do globo terrestre de Schöner.

Parte da discussão em torno do ano da elaboração da "Nova Gazeta" parecia ter sido resolvida com a descoberta de uma cópia manuscrita da carta nos arquivos dos Fugger e sua publicação em 1895 por Haebler. Como consta no título e sumário do manuscrito, um dos navios de uma expedição portuguesa "arribou" à ilha da Madeira em 12 de outubro de 1514. Haebler (1895, 1920) era também de opinião que a armada da "Gazeta" era a mesma referida na carta do embaixador Álvaro Mendes de Vascelos, escrita em 14 de dezembro de 1531. Foi essa expedição que, segundo Vascelos, chegou até o Cabo de Santa Maria, descobriu o rio da Prata e retornou por causa de uma tempestade ameaçadora. Para Haebler não existiam dúvidas a respeito da autenticidade da carta e da língua original da "Nova Gazeta" ser o alemão, mesmo com uma quantidade considerável de palavras adaptadas e de origem neolatina. As palavras italianas, espanholas e portuguesas na "Gazeta" revelavam, de acordo com Brandenburger (1922), uma pessoa



## As características da "Terra do Brasil"

A "Nova Gazeta" publicou algumas informações amplamente divulgadas e, naquela época, não mais tão novas na Europa. Mas, certamente, era isso que os leitores esperavam de um folheto que prometia trazer novidades da "Terra do Brasil". Por um lado, a confirmação do já conhecido, uma colagem de informações extraídas de diversos outros documentos, como o diário de bordo de Colombo, ou das cartas de Vespúcio, por outro lado, notícias realmente novas. A "Gazeta" satisfaz as expectativas dos leitores, repetindo as visões paradisíacas de outros relatos, como a beleza de seus habitantes, as grandes quantidades das frutas, a abundância dos peixes e das aves, a qualidade das águas, e as plantas medicinais, como a "canafístula":<sup>7</sup>

"A terra tem também admirável quantidade de frutas e boas, e todas diferentes das que temos em nosso país. Acharam também que a terra tem canafístula, mais ou menos grossa de um braço, e mel e cera, uma de goma, e muita semelhante à terebentina; muitas aves, e de várias qualidades; abundância de peixes".

Vespúcio também fez menção à "canafístula" (cássia), na terceira viagem, quando encontrou "infinitas árvores de pau-brasil, de canafístula, as de que se tira a mirra, e outras mais maravilhas da natureza" (Vespúcio, 1844, p. 129).

Apesar de a pimenta (*Capsicum*) já ter sido divulgada na Europa desde a primeira viagem de Colombo,<sup>8</sup> a "Nova Gazeta" refere-se a ela como se fosse uma especiaria desconhecida:

"Eles têm também na terra uma qualidade de especiaria que arde na língua como pimenta, e ainda mais, cria-se em uma vagem com muitos grãos dentro, sendo o grão do mesmo tamanho da ervilha" ("Nova Gazeta da Terra do Brasil", tradução de Brandenburger, 1922, p. 36).

A menção de grandes quantidades de metais preciosos, em regiões distantes no interior do país, é notícia até de certa forma obrigatória nas cartas e nos relatos dos viajantes do "Novo Mundo". A "Gazeta" também não fugiu a essa regra:

<sup>7</sup> Árvore da família das leguminosas, típica dos países intertropicais, de aproximadamente 10 metros de altura, tronco cinzento, folhas compostas, as flores e os frutos em forma de vagens que contêm uma polpa escura doce, de uso medicinal.

<sup>8</sup> (Terça, 15 de janeiro) "Tem também muito pimentão, que é pimenta local, superior à nossa, e todo mundo só come com ele, que acham muito saudável" (Colombo, 1984, p. 91).

“Sabei ainda que eles trazem bastante notícia de que estiveram em um porto e rio, distante do referido cabo 200 milhas em direção a nós; aí receberam informações a respeito de muita prata e cobre, e também de ouro, que há no interior do país. Dizem que o Capitão deles, do outro navio, traz para o rei de Portugal uma acha de prata, de feição igual às achas de pedras deles. Trazem um metal que dizem ter a aparência de latão, e não estar exposto à ferrugem nem à deterioração. Não sabem se é ouro inferior ou o que seja. Ainda no mesmo lugar, à beira mar, obtiveram daquele mesmo povo informação que pela terra dentro existe um povo serrano, que possui muito ouro batido, à moda de arnez na frente e ao peito” (“Nova Gazeta da Terra do Brasil”, tradução de Brandenburger, 1922, p. 36).

Novidades para o leitor são as referências a respeito de “grandes montanhas no interior. Dizem que em alguns lugares a neve nunca desaparece”. Essa descrição ligeira dos Andes, um machado de metal e os outros objetos de metal mencionados, mostram que os indígenas do rio da Prata conheciam as características climáticas das montanhas e mantiveram contatos com as populações andinas. Mas foram as peles que mais chamaram atenção ao comerciante alemão. Ao contrário dos “portugueses que não andaram atrás dele, porque lhe não deram valor”, o comerciante logo percebeu o grande potencial e uma excelente oportunidade de negócios. Ele descreveu em detalhes as diferentes espécies de animais, a qualidade das peles e o tratamento rústico que os nativos dão a este produto tão apreciado.

“Estiveram em alguns portos onde encontraram muitas e variadas peles preciosas de animais silvestres, as quais a gente veste mesmo cruas o corpo nu; não sabem prepará-las, a saber, peles de leão, leopardo, de que consta haver muitos no país, lince ou lup (Catalão) [...] e mais peles pequenas, semelhantes às das ginetas, e mui deliciosas peles, justamente como as de lince. As de leopardo e lince eles cortam e fazem delas cintas, de um palmo de largura. Eles têm também muitas lontras e castores, o que é indício de que o país possui grandes rios. Tem também cintas de peles que me são desconhecidas. As ditas peles e mais outra pelaria comprei para mim, mas pouca cousa, pois trouxeram pouco de tão rica pelaria [...]” (“Nova Gazeta da Terra do Brasil”, tradução de Brandenburger, 1922, p. 37).

O autor da carta referiu-se também pela primeira vez aos cobertores de peles que as populações nativas da região platina usavam durante o inverno. O manto de pele, o “quillapi”, decorado com desenhos geométricos, torna-se mais tarde um referencial importante e objeto de identificação para os índios Charrúa até o século XIX.

“Comprei também, entre outras cousas, três peças de algumas peles cozidas juntas. São todas três tão grandes que bastam para forrar um casaco; não fizeram caso deles os portugueses. No país cobrem-se com elas; são cozidas juntas, como em nossa terra se fazem os cobertores de pele de lobos. É realmente um magnífico forro por si só. As peles são tamanhas como as do texugo, e a cor é da do veado. Na parte superior é muito lanudo, e tem pelos compridos e pontiagudos, algum tanto grosso como os da zibelina; na parte inferior, a pele é alva como a da marta. É extraordinariamente agradável o cheiro da pele”<sup>9</sup> (“Nova Gazeta da Terra do Brasil”, tradução de Brandenburger, 1922, p. 36).

### Descrição da população indígena na “Nova Gazeta”

A “Nova Gazeta” diferencia as populações indígenas do “Brasil” e “Brasil inferior”, mas afirmava que “é todo o mesmo povo; só tem outra língua”. O autor garantiu que próximo ao cabo de Santa Maria os nativos não praticavam o canibalismo, como no Brasil inferior, e que “não há neles nem um vício, a não ser que um povoado guerreie o outro [...]”. A ausência de líderes e de leis entre os habitantes do Brasil confirma mais uma característica estereotipada que a “Gazeta” repete do diário de Colombo e das cartas de Vespúcio. “Dizem que o povo é de muito boa e livre condição, não havendo naquela costa leis nem rei, a não ser que ouvem os velhos entre eles e lhes obedecem, como na Terra do Brasil inferior”.

Para mostrar ao leitor o caráter gentil das populações da região do rio da Prata, uma característica que no futuro facilitaria ainda mais o contato comercial com elas, o autor afirma que até já foram cristianizadas por São Tomé.

“Eles têm também recordação de São Tomé. Quiseram mostrar aos portugueses as pegadas de São Tomé no interior do país. Indicam também que têm cruces pela terra a dentro.<sup>10</sup> E quando falam de São Tomé, chamam-lhe o Deus pequeno, mas que havia outro Deus maior. É bem incrível que tenham lembrança de São Tomé, pois é sabido que está corporalmente por trás de Malaca; já na costa de Siramath, no golfo de Ceilão. No país chamam também frequente-

<sup>9</sup> O autor da carta provavelmente descreveu a pele de uma lhama ou alpaca, animal típico do Andes, e hoje extinto na região platina.

<sup>10</sup> Na arte rupestre pré-histórica é comum encontrar gravuras de representações de pegadas humanas e de animais. É possível que o autor da carta se referia a estas manifestações artísticas.

mente seus filhos Tomé” (“Nova Gazeta da Terra do Brasil”, tradução de Brandenburger, 1922, p. 36).

Essa mesma idéia da presença de São Tomé na América (Pasalacqua, 1903), e da memória do Santo preservada entre a população nativa, é repetida por Bartolomé de las Casas (1957) na *Historia de las Indias*.

“Dicen ellos que Sancto Tomás, a quien llaman Zome, pasó por aquí. Esto les quedó por dicho de sus antepasados, y que sus pisadas están señaladas cabe un río, las cuales yo fuí a ver por más certeza de la verdad, y vi con los propios ojos cuatro pisadas muy señaladas, con sus dedos, las cuales algunas veces cubre el río cuando hinche. Dicen también que cuando dejó estas pisadas iba huyendo de los indios que le querían flechar, y llegando allí se le abrió el río y pasara por medio dél, sin se mojar, a la otra parte, y de allí fué para la India. Asimismo cuentan que cuando le querían flechar los indios, las flechas se volvían para ellos y los montes le hacían camino por do pasase. Otros cuentan esto como por escarnio. Dicen también que les prometió que había de tornar otra vez a verlos! El los vea del cielo y sea intercesor por ellos a Dios, para que vengan en cognoscimiento suyo y reciban la sancta fe, como esperamos” (Casas, 1957, v. 1, p. 465).

A divulgação da carta em forma de um panfleto representa uma espécie de convite aos mercadores na Europa para iniciar o comércio com especiarias, peles, metais preciosos e escravos nesta região. As condições são colocadas como favoráveis, já que os habitantes da terra não eram canibais, estavam praticamente sem defesa, pois “sua arma é o arco, como é uso na Terra do Brasil inferior. Eles não têm instrumentos de ferro, dão por uma acha, um machado ou uma faca o que possuem, como é costume da Terra do Brasil inferior”. A carta prometia um comércio fácil e lucrativo, e a população nativa era tão gentil que, inclusive, o capitão teria trazido “um homem daquele país, que quis ver El-Rei de Portugal. Ele diz que quer dar a El-Rei informações de tanto ouro e prata, que existe no país, que os navios dele não o podem carregar” (“Nova Gazeta da Terra do Brasil”, tradução de Brandenburger, 1922, p. 37).

Além das peles, altamente valorizadas pelas populações da Europa central, o sucesso comercial desta expedição e de muitas outras, no futuro, revela-se no carregamento “de pau-brasil, e na coberta cheio de escravos, rapariguinhas e rapazinhos”, que foram seduzidos pelos portugueses com falsas promessas. “Pouco custaram aos portugueses, pois na maior parte foram dados por livre

vontade, porque o povo de lá pensa que seus filhos vão para a Terra da Promissão".

No fim do relato, a "Gazeta" alertou para o fato de que o comércio já está sendo praticado por outros vendedores, inclusive por franceses:

"Dizem mais as gentes daquele lugar que às vezes chegam ali outros navios; vestem roupas conforme os portugueses, dizem, como os franceses, segundo as informações do povo, e usam também barbas, todas elas ruivas" ("Nova Gazeta da Terra do Brasil", tradução de Brandenburger, 1922, p. 36).

Trata-se, portanto, de uma advertência indireta aos leitores e casas de comércio para não perderem essa oportunidade de negócios.

### **Avaliação da "Nova Gazeta"**

Através do debate acadêmico em torno do valor histórico da "Gazeta", foi possível aproveitar algumas informações e reciclar outras, por vias indiretas e reconstruir partes dos acontecimentos da viagem narrada na "Nova Gazeta da Terra do Brasil".

A expedição referida na "Nova Gazeta" tinha dois navios. Aquele que atracou na ilha da Madeira por falta de mantimentos e a nave capitânia, que ficou para trás. Não são mencionados os nomes das embarcações, nem dos pilotos ou do comandante da frota, um fato que deixou muitos autores a suspeitar da autenticidade da carta. Na verdade, o leitor tem todo o direito de conhecer esses dados, imprescindíveis como prova da veracidade da história contada. A mesma ausência de informações importantes, que aumentariam a credibilidade do documento, nota-se nas cartas do próprio Américo Vespúcio. O que demonstrava serem estes documentos fontes históricas tão suspeitas quanto a "Gazeta".

Por meio da indicação dos nomes dos armadores da expedição, D. Nuno Manuel e Cristóbal de Haro, chegou-se, através de outras fontes – como a carta do Embaixador Álvaro Mendes de Vasconcelo, o globo terrestre de Schöner, e a cópia manuscrita dos arquivos dos Fugger – à conclusão de que João de Lisboa era o piloto da embarcação que no ano de 1514 voltou para Portugal, após ter chegado até a região do rio da Prata.

Principalmente essa última constatação é questionada por vários autores, justamente pela falta dos nomes geográficos. Era de costume usar, além dos equipamentos náuticos, como as cartas,

o astrolábio, tábua de declinação do sol, um calendário religioso com os nomes de Santos. Relacionar nomes aos pontos geográficos mais importantes, como portos, rios, cabos e montanhas, fazia parte elementar dos processos da navegação e do descobrimento naquela época. A seqüência dos nomes e a distância marcada entre eles servia como uma escala e, junto com a medição da latitude, o piloto construía determinados pontos de referência ao longo da costa brasileira. Ele calculava sua posição geográfica através desses pontos fixos, já que as aldeias indígenas mudavam constantemente de lugar. O roteiro de uma armada era fixado nos diários de bordo dos pilotos. A distância percorrida era comprovada através da lista dos nomes de Santos, que faziam referência a certos pontos geográficos, anotados no diário de bordo. Através de uma determinada seqüência de nomes mencionados na descrição da viagem, outros pilotos e as autoridades poderiam reconstituir a rota e o local exato dos acontecimentos ocorridos durante a expedição. Justamente essa forma de comprovação falta nas famosas cartas de Américo Vespúcio e também na “Gazeta”. Mesmo em caso de mudança de nomes, as antigas denominações continuaram a ser mencionadas até que o novo nome substituía por completo o antigo. Pela rotina de nomear os cabos e rios usando o nome do Santo do dia, o piloto João de Lisboa da armada da “Nova Gazeta” deveria ter conhecido a região do rio da Prata em meados de agosto para atribuir o nome de Santa Maria, tanto para o cabo, quanto para o rio (Pereira, 1923, p. 372). Enquanto o nome do rio passou desde então por várias modificações, o nome do cabo se manteve até hoje. Entre os navegadores castelhanos e historiadores da época, o rio de Santa Maria ficou temporariamente conhecido por rio de Solís, não pela atribuição dele ter sido oficialmente o descobridor, mas por ele ter sido morto por nativos da região. Só depois o rio recebeu o nome de “Río de la Plata”. Las Casas (1957) garante que foi João Dias de Solís quem descobriu o cabo e o rio e chamou-os de Santa Maria.<sup>11</sup> Oviedo (1959)<sup>12</sup> repete a mesma idéia, eviden-

<sup>11</sup> “En este año de mill y quinientos y quince patió de Cadiz o del Puerto, Juan de Solís, piloto y gran marinero, con tres navíos, para ir a descubrir desde el cabo de Sant Agustín, que agora llaman la costa del Brasil los portugueses, adelante, hacia el Mediodía; el cual fué costeando y pasó la línea equinoccial treinta grados y más, y descubrió de aquel viaje el río que agora dicen de la Plata, no sé por qué ocasión, el cual nombró el dicho Juan de Solís el cabo y río de Sancta María” (Las Casas, 1957, vol.: 2, capítulo LXXXII, p. 365).

<sup>12</sup> “El mui fasono é grandíssimo rio, que los indios en la parte austral llaman Paraná é los chripstianos le diçen rio de la Plata, tiene su embocamiento donde entra la mar veynte leguas [...] y está en treynta é çinco grados, de la otra parte de la equinoçial.



temente para confirmar Solís como descobridor do rio da Prata (Pereira, 1957, p. 372).

### Considerações finais

Apesar da crítica que o documento "Nova Gazeta da Terra do Brasil" sofreu, principalmente pela falta dos nomes dos pilotos, comandantes, ausência de data, menções vagas dos locais percorridos e o emprego de expressões genéricas na descrição dos costumes dos índios, nota-se algumas passagens autênticas e, até naquela época, ainda inéditas. A descrição minuciosa das peles dos animais selvagens e, principalmente, o uso dessas na confecção das roupas pelos nativos da região do rio da Prata, por exemplo, ainda a descrição da região do estuário do rio da Prata ou o machado de metal recolhido entre os indígenas da região, parecem relatar situações e acontecimentos realmente observados. Já outras notícias representam claramente cópias de outros relatos mais antigos. A "Gazeta" também passa por este mesmo processo de reprodução e serve, ao mesmo tempo, como base para outros relatos subseqüentes. A importância da "Gazeta" como fonte histórica está justamente na sua função intermediária, tanto como receptor, quanto distribuidor de informações.

### Referências bibliográficas

- AVEZAC-MACAYA, Armand d'. *Considérations géographiques sur l'histoire du Brésil*. Paris: Impr. de L. Martinet, 1857.
- BARROS, João de. *Décadas*. Lisboa: Sá da Costa, 1945, v. 4 (Coleção de Clássicos Sá da Costa).
- BRANDENBURGER, Clemens. *A Nova Gazeta da Terra do Brasil, New zeitung ausz presil-landt, 1515. Texto, tradução, glossário, comentário*. São Paulo, 1922.
- CASAS, Fray Bartolomé de las. *Historia de las Indias*. Madrid: Real Academia Española, 1957, v. 2 (Col.: Biblioteca de Autores Españoles desde laformacion del lenguaje hasta nuestros días).
- COLOMBO, Cristóvão. *Diários da descoberta. As quatro viagens e o testamento*. 5ª ed. Porto Alegre: L&PM, 1984.
- HAEBLER, Konrad. "Die Neue Zeitung aus Presilg-Landt" im Fugger'schen Archiv. *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*, v. 30, 1895.
- HAEBLER, Konrad. - 1515- *New zeitung auss presillandt; facsimile einer handschriftlichen "Neuen Zeitung" aus dem Anfange des 16. Jahrhunderts*. Leipzig: Deutsches Museum fuer Buch und Schrift, 1920.
- HUMBOLDT, Alexander von. *Kritische Untersuchungen über die historische Entwicklung der geographischen Kenntnisse von der Neuen Welt und die Fortschritte der nautischen Astronomie in dem 15. und 16. Jahrhundert*. Berlin: Nicolai, 1836-52, 3v.

---

Lamandóse primero rio de Solís, porque lo descubrió el piloto Johan Diaz de Solís; [...] (Oviedo, 1959, p. 167).

- MINGO, Milagros del Vas. *Las capitulaciones de Indias en el siglo XVI*. Madrid: Navarra, 1986.
- OVIEDO, Gonzalo Fernández de. *Historia general y natural de las Indias Islas y Tierra-firme de Mar Oceano por el capitán...* Madrid: Atlas, 1959, v. 6 (Biblioteca de autores Españoles, 119-121).
- PASSALACQUA, Camillo. O apóstolo S. Thomé na América. *Revista do Instituto Histórico Geographico de São Paulo*, v. 8, p. 138-149, 1903.
- PEREIRA, F. M. Esteves. O descobrimento do Rio da Prata. In: DIAS, Carlos M.; GAMEIRO, Roque; VASCONCELLOS Ernesto de (eds.). *História da colonização portuguesa do Brasil*. Porto: Litografia Nacional, 1923, v. 2, cap. 12, p. 351-390 (Edição monumental comemorativa do primeiro centenário da independência do Brasil).
- RUGE, Sophus. *Geschichte des Zeitalters der Entdeckungen*. Berlin: G. Grote, 1881.
- SCHÖNER, Johann. *Luculentissima quaedam terrae totius descriptio, p. c-u multis utilissimis cosmographiae iniciis. Nouaq, & qante fuit verior Europae nostrae formatio. Praeterea, fluuior-u... & gentium qplurimor-u vetustissima nomina recentioribus admixta vocabulis. Multa etia quae diligens lector noua vsuiq; futura inueniet*. Nuremberga: Stuchssen, 1515.
- SCHÜLLER, Rodolpho R. A Nova Gazeta da Terra do Brasil (Newen Zeytung auss Presillg Landt) e sua origem mais provável. *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, v. 33, p. 115-143, 1911.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Examen de quelques points de l'histoire géographique du Brésil; comprenant des éclaircissements nouveaux sur le second voyage de Vespuce, sur les explorations des côtes septentrionales du Brésil par Hojeda et par Pinzon, sur l'ouvrage de Navarette, sur le véritable ligne de démarcation de Tordesillas, sur l'Oyapoc ou [de] Vincent Pinzon, sur le véritable point de vue où doit se placer tout historien du Brésil, etc., ou analyse critique du rapport de M. D' Avezac sur la récente histoire générale du Brésil. *Bulletin de la Société de Géographie*. Paris, 1858.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Nouvelle recherches sur les derniers voyages du navigateur florentin, et le reste des documents et éclaircissements sur lui*. Viena: Charles Gerold, 1870.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Primeiras explorações da costa brasileira de 1501 a 1506. *Revista Trimestral do Instituto Histórico Geographico e Ethnographico do Brasil*, v. 36, n. 1, p. 55-63, 1873.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História geral do Brasil*. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1956, 5v.
- WESPÚCIO, Américo. *Novo Mundo. Cartas de viagens e descobertas*. Porto Alegre: L&PM, 1984.
- WIESER, Franz. *Magalhães-Strasse und Austral-Continent auf den Globen des J. Schöner. Beiträge zur Geschichte der Erdkunde im XVI Jahrhundert*. Innsbruck, 1881.